



E SE EU GOSTASSE MUITO DE MORRER

Rui Cardoso Martins
e se eu
gostasse muito
de morrer

L I S B O A
TINTA-DA-CHINA
M M X V I

índice

Com o pé esquerdo um bocadinho de fora	15
A árvore dos cabritos	31
A bala incrustada	37
Já viste o sangue que está no chão?	53
A puta da máquina	69
Nascimento sanitário	87
Punição	101
A sedução fantástica do verme	113
Rolo de fita-cola	123
Excesso de qualidade	139
Operação Marosca I	151
Operação Marosca II	173
Janela manuelina	185
Receitas venenosas	203
O isolante perfeito	217
Menos do que amanhã	237
Nota biográfica	251

© 2016, Rui Cardoso Martins
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A
1500-461 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/29
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Originalmente publicado pelas
Publicações Dom Quixote em 2006.

Título: *E Se Eu Gostasse Muito de Morrer*
Autor: Rui Cardoso Martins
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (V. Távares)

1.ª edição: Março de 2016

ISBN 978-989-671-302-7
Depósito Legal n.º 405121/16

À Maria de Lourdes e ao Leonel, meus pais

Dentro das fronteiras portuguesas, enormes contrastes são descobertos entre regiões. É habitual considerar o Rio Tejo como definidor geográfico de duas regiões principais, Norte e Sul. As taxas totais baixam até 2 a 4 por 100 000 (1998) no Norte, e atingem 20 por 100 000 no Alentejo, a maior região do Sul (onde a taxa masculina chegou aos 32 por 100 000 no mesmo ano). No contexto global europeu, esta descoberta é pelo menos invulgar e justifica alguns comentários.

In Boletim Internacional da Sociedade Portuguesa de Suicidologia

Não gosto de pessoas que se matam. Acho uma falta de educação.

Tereza

Abyssus abyssum invocat

COM O PÉ ESQUERDO
UM BOCADINHO DE FORA

A praga de mimosas chegara e trouxe novos esconderijos à serra, buracos entre as flores onde cabe, por exemplo, o cadáver de um homem.

As duas equipas estavam cercadas de florinhas redondas, uma claque de pompons amarelos a espirrar pólen e perfume forte, mas sem gritos, a essa hora as raparigas estavam em casa a dormir ou a lavar, aflitas, os restos da noite.

Um jogo de futebol, como sabes, deve jogar-se sábado de manhã, no momento mais agudo da ressaca, se possível de directa. Só assim faz efeito o ar puro, e deve-se correr sem aquecer os músculos, porque a saudável ideia é vomitar antes do intervalo. Vem o intervalo e fuma-se um cigarro, sabe melhor com os alvéolos abertos, o fumo é cicatrizante, é das boas coisas do vício, e o primeiro a acendê-lo acho que foi o Trombeiro ou o Tonel ou talvez o Besta Porca. O Pardoca, acho, ou o Banana, um deles, tinha chutado a bola para fora num corte que levantou uma rajada de pedrinhas e esfolou a canela do Perneta.

— Falta, foda-se, vai infectar.

— Intervalo. Cigarrinho.

Compromissos no intervalo, o contrato de bias: as últimas passas do cigarro são oferecidas a quem retribuir com a

sua beata à noite, no muro do Café Cortiça. Não vale entregar o cigarro já no filtro, isso anula um contrato de bias, que deve ser celebrado no clima da maior confiança entre duas pessoas e durar 24 horas, pelo menos.

A bola subira a barreira para se esconder nas mimosas que invadiam a serra, cercando o campo do Colégio de pólen, o nosso jardim da asma na Primavera, atrás da morgue do Hospital. Escondida pelos ramos, a morgue tinha uma porta pequena no cimento, era um bunker silencioso, com respiradouros, de lá chegava o perfume doce dos defuntos e o cheiro das mimosas. Eram muito bonitas e queriam dar cabo de tudo, até dos pinheiros. E são maiores do que se pensa, em Março são árvores. Juntam-se muitas florinhas e fazem uma bola maior, é como o algodão. E, quando há incêndios, chegam e tomam conta do sítio.

— Vai lá buscar.

— Vai tu.

— Eu porquê, vai tu.

— Eu o caralho, vai tu.

Sem árbitro, o futebol é um mau acordo. Alguém vai.

— Ai, ai, ai, está aqui um morto!

— Aqui, ali, ali, gritaram dois, não me lembro de quais, só da cara que tinham, éramos oito para cada lado no futebol, dá 16.

Dois rapazes pálidos a correr no pó, um morto logo de manhã aumenta a ressaca, é óbvio. A merda são as misturas.

Parece-me que o Pipas, o Ganso e o Chouriço também lá estavam. E o Catatau. O Cubano e o Malacueco, já não me parece. Uns só chegavam na segunda parte do jogo, e mal equipados, começava-se com o mínimo.

— Chama a guarda, chama os padres do Seminário!

— Chama tu.

— Suicídio, o gajo matou-se, olha o saco do veneno ali.

— Olha a língua roxa, olha, toda inchada.

— Ei, eu conheço-o, é o coveiro.

— O coveiro matou-se?!

Uma terra em que até o coveiro se mata.

— Boa pergunta, Cruzeta.

O Cruzeta. Sou tão magro que sirvo para pendurar camisas. Um cabide com pernas de alicate. Tive bronquite asmática em pequeno mas já passou. Também sou o Esqueleto. Como mais do que eles todos, é esse o mistério destas opiniões gerais. Uma vez comi sete sopas de feijão com couve (e osso da suã de porco) e depois jantei. Também gosto de canja e de tomatada de vitela. Em miúdo, era alérgico ao chocolate mas comia mousse, preferia coçar-me duas horas até sangrar das babas, no cotovelo. Aos nove anos, o primeiro frango, incluindo pele, pulmões e cartilagens da asa. Proibiam-me de comer nos lanches de aniversário na casa dos outros, até parece que na tua casa não há comida.

— Não faças figura de urso.

Era um gosto ver-me no princípio, mas tudo o que é demais é como o que é de menos.

Dou cabeçadas e ganho esse concurso, o único em que de facto presto. Quem é capaz de me derrubar ao murro: são todos. Mas receia-se a minha cabeça nas lutas de marada da praceta, testa contra testa. Sou o Bife Duro nesse aspecto, deixo as cabeças mal passadas na praceta do Camões. Uma testa de corno, até faz eco, porra onde é que eu estou.

Três alcunhas, não digo a quarta.

Homem Elástico, Elastic Man, contra vários preconceitos alcancei fazer a espargata no corredor em seis meses

de estiramentos, sozinho, antes de dormir. Ninguém acha as alcunhas contraditórias, sou duro e elástico, contem-me as costelas, dou aulas de anatomia. Pelo menos são alcunhas acertadas, o que nem sempre sucede. O Pernetá tem duas pernas enormes e o Fininho só é Fininho porque é um bucha que vai ter de sofrer muito na vida para acertar com o nome.

A quinta alcunha não interessa.

Início conversas inexplicáveis e os meus pontapés de bico são uma boa merda, atiras-te para trás, é só biqueiro Cruzeta, a bola sobe por cima da barra e vai para a estrada, ó Cruzeta vai-te descascar num pinheiro, vai dar banho ao cão, vou mijar enquanto desces a estrada, vai lá ver se eu lá estou, olha já cá estás outra vez Elastic Man, ou falhas o remate e a bola afunda-se aos pés do guarda-redes, como uma escarreta no pó.

Portanto experimenta jogar com a cabeça, Bife Duro. É a tua reputação, o osso frontal. Um dia dá-te para engordar, como é fatal nesta terra de empadas e bestas, vais ter barriga de banha e barbela no pescoço, vais levedar em gordura, mas o crânio aguenta-se igual. Um dia, quando estiveres morto e na cova, Cruzeta, será o regresso do Esqueleto no seu último combate eterno.

Um dia, até pode chegar depressa esse dia. O futuro faz-se hoje, é o que se diz.

Usa a cabeça.

Quem nos enterra agora. O suicídio do coveiro é dos factos mais importantes de uma cidade.

Houve pesadelos, as pessoas sonhavam as suas coisas sobre o escândalo e discutiam-nas pela rua com os vizinhos, até as mais malucas. Mulheres que tinham deixado de se fa-

lar por parvoíce ou ciúme, e a seguir por hábito, trocavam sinais de sobrelhas à distância. Formavam-se círculos de discussão na Rua Directa e tertúlias debaixo do plátano do Rossio, onde era pacífico: ele fizera bem em matar-se, era aliás inevitável. É uma opção de vida respeitada e com grandes tradições na terra. Sim, às vezes nós, outras os suecos, embora se conte que estes têm muito mais a fama do que o proveito, ou ainda umas aldeias na Hungria, mas aí diz-se que tem a ver com uma cena genética esquisita. Com frequência ultrapassamos Beja, nas calmas. Em Agosto, e não é assim tão raro, o objectivo é o recorde mundial, isto são estatísticas e está tudo em números.

Morto sozinho na serra, coberto de mimosas, o coveiro fizera-se a si próprio meio funeral, simplificava. Mas desta vez o caso era grave. As opiniões diziam-se olhando o chão, ou o céu, num suspiro cinzento. Frases secas que tinham princípio, meio e fim, como as tábuas.

— Parece que ainda nem acredito, eu.

— Nem eu, como é que é possível.

Atenção: se fosse verdade o que se dizia do coveiro.

Porque se é verdade o que se diz, nem com a morte podemos estar descansados.

... vem perante V. Ex.^a apresentar PARTICIPAÇÃO, dizia o documento dirigido ao presidente da Câmara Municipal.

Quanto mais oficial no começo, mais trágico no fim, o facto real.

PARTICIPAÇÃO

1. O participante é pai de um bebé nado-morto que foi sepultado no cemitério desta cidade, em 2 de Novembro, na campa n.º 527.
2. Em 28 de Novembro, quando, como é habitual nas tardes de sábado, nos dirigimos à dita sepultura para aí depositarmos flores, notámos que a mesma estava arranjada e o vaso que aí tínhamos estava colocado no chão, fora da sepultura.
3. Entretanto, sobre a mesa, estavam colocadas duas jarras com flores colocadas recentemente, por engano, supusemos na altura, não obstante termos notado que a placa com o n.º 527 fora substituída por uma outra com o n.º 576.
4. Admitindo a hipótese de alguma pessoa amiga ter procedido à substituição do vaso e colocação das flores, aguardámos para confirmar tal hipótese.
5. Porém, no passado sábado, 4 do corrente, voltando ao cemitério acompanhado da minha esposa e filha e mais familiares, decidimos então procurar o empregado, julgando que alguém andava por engano a colocar flores na sepultura do nosso filho.

[flores por engano na sepultura de um bebé, flores enganadas. N.º 527, n.º 576]

6. Interpelado o funcionário, homem forte, de óculos, aparentando entre 50 e 60 anos, acabou por apanhar o livro de registo dos funerais e ir connosco à dita sepultura.
7. Foi então que toda a família, com a mais viva indignação e repulsa, foi exposta ao vexame que nos deixou a todos perplexos e sem acreditarmos no que estávamos a ver, pois parecia um sonho.

[Um minuto do que parece um sonho]:

8. Na sepultura de nosso filho fora enterrado um outro bebé, em 21 de Janeiro, havia 15 dias.
9. E, cerca de 10 metros ao lado estava a urna de nosso filho, junto de uma árvore, exposta a céu aberto, com a tampa quebrada e o cadáver do bebé envolto no lençol com que viera do Hospital, perfeitamente à vista, ali abandonada, como se de um objecto qualquer se tratasse.
10. Não há palavras para descrever a indignação e o desgosto com que um pai e uma mãe, já para não falar da nossa filha de 5 anos, assistiram a tal cena, sobretudo quando estavam decorridos três meses sobre a perda desse filho.

Os factos foram confirmados pela testemunha J. Maria, que deixou em acta e assinou o que disse. Ele jurou por Deus e pela sua honra dizer a verdade e só a verdade e aos costumes disse nada. E chegado lá o que viu?

AUTO DE INQUIRIÇÃO DUMA TESTEMUNHA

... que no dia quatro de Fevereiro corrente, pelas dezasete horas e quinze minutos, chegou a testemunha ao cemitério desta cidade, a fim de visitar a campa de seu pai que, naquele dia, fazia nove meses de falecido.

[tinha só nove meses de morte]

Que, quando se aproximava, foi abordado pelo participante neste processo, senhor doutor A., o qual lhe disse para o seguir, a fim de ser testemunha duma ocorrência.

A testemunha seguiu o referido participante até ao local onde se encontrava a sepultura dum bebé nado-morto que ali fora enterrado há algum tempo, filho do citado participante. Chegado lá, o que viu? O caixão de madeira que servia de invólucro ao corpo do bebé, fora da terra, a cerca de três metros da sepultura, com a tampa partida, vendo-se o lençol onde o mesmo estava e o pé esquerdo um bocadinho de fora, e um saco de plástico preto ali ao pé, que o coveiro disse tratar-se de roupa do bebé que tinha vindo do Hospital, o qual o mesmo coveiro seguidamente meteu dentro do caixão.

A testemunha J. Maria falou num tom semelhante ao do pai do bebé. Usaram os dois os melhores termos que encontraram, aqueles que a observação lhes impunha e até os termos jurídicos, foi essa a opção do pai. O doutor A. era advogado. Os factos falariam por si. Participariam o que havia a participar.

Um bebé, com o pé esquerdo um bocadinho de fora, abandonado na lama, como se de um objecto qualquer se tratasse.

— O que é que quer que se faça a isto, enterra-se ou não?, perguntou o coveiro, ouviu J. Maria.

O pai perguntou-lhe por que tinha feito aquilo, e o coveiro:

— Fui eu que o desenterrei, vi que a coisa estava assim e pus ali. Faça-me o que quiser, mas fui eu. O que é que quer que se faça a isto, enterra-se ou não?

Ao que o participante respondeu que o enterrasse. Que o coveiro abriu outra cova ali ao lado e enterrou o bebé. E mais não disse.

Nesses dias, o coveiro não saía à rua sem sentir, por assim dizer, que já estava morto. As pessoas dos Assentados não olhavam para ele, atiravam silêncio para trás das costas, uma pazada de silêncio, e continuavam a subir o bairro, ou a descer. Enquanto a história real se investigava, a história que ia vingar fervia na panela, engrossava como caldo de ossos, ficava gelatina.

O coveiro era tido, até essa altura, como pessoa trabalhadora, educada e, dentro da desgraça mórbida que o conduzia a tal emprego, pois não se reconhece a vocação nestes casos, um homem de confiança. Tinha mulher e duas filhas. Deves respeitar quem te faz o buraco e puxa a corda e aconchega, com a pá macia, a dobra do último cobertor.

Mas no último ponto da participação, um pai, o doutor A., exigia

respostas inequívocas às seguintes questões: como é possível, qual o grau de negligência, ou de irresponsabilidade, necessário para violar uma sepultura onde fora enterrado um corpo, não havia ainda três meses? Como é possível, ainda que de erro se tivesse tratado, ao ver a urna recente ter a coragem de lhe partir a tampa e desenterrá-la; qual o destino que esse indivíduo pretendia dar ao corpo? Ficaria ali eternamente? Seria deitado ao lixo?

São perguntas sem respostas. São desastres inexplicáveis da lógica.

O coveiro depôs exactamente um mês depois de ter desenterrado o bebé, para pôr lá o outro. O auto de declarações começa com a confissão.

Confessa que, sem saber o que fazia, tirou o caixão da criança, uns dias antes, não se lembra quantos, mas pensa que devem ser uns dez ou onze, tendo-o colocado no sítio em que se encontrava. Perguntado se não terá desenterrado o caixão com qualquer intenção de ver o que o mesmo continha, além do cadáver e, em caso de conter alguma coisa de valor, subtrair o que lá encontrasse, respondeu que nem por sombras pensou em tal coisa.

[que sombras vê o coveiro no seu trabalho]

Que continua a não saber esclarecer qual o motivo por que assim procedeu. Que no dia em que tirou o caixão da sepultura estava extremamente cansado, todo molhado e a terra enlameada. Que o número do coval estava caído. Por isso e certamente devido a uma falta de atenção da sua parte é que cometeu aquele erro.

Um erro alegado mas que durou muitos dias, realçou o interrogador.

Ele respondeu que, devido a muita lida, nunca mais reparou que o caixão se encontrava ali, e que só reparou quando o pai da criança lhe chamou a atenção para o facto.

É natural que, no momento da assinatura desta confissão desastrada, o coveiro tivesse já tomado a decisão. Até para os padrões da terra foi um rápido processo de amadurecimento do suicídio.

A seguir, terá ido ao Silva Frexes, uma drogaria que vendia desde bolas de ténis a cordas de força, de guitarras a venenos rápidos. O Silva Frexes era um exemplar magnífico de restaurador Olex, um dos últimos do planeta, com um

cabelo que parecia as penas de um mergulhão velho apanhado numa bolsa de crude. Na orla das orelhas, onde não se empenhava, líquenes cor de cobre balouçavam.

Era também o pior vendedor do mundo e considerava os clientes seus inimigos.

— Posso ver aquela guitarra?

— É para ver ou é para comprar?

O coveiro cumpriu a parte logística do plano naquele balcão. Um coveiro tem algo de agricultor. Sabe que um corpo é adubo e açúcar para a terra, e que as mais belas flores nascem por cima dele, mas não deve ter enganado o Silva Frexes. O dono da drogaria cheirava sarilhos onde nem sequer os havia, quanto mais os verdadeiros.

— Posso ver o pacote do pó do escaravelho da batata?

— É para ver ou é para se matar?

Nessa noite escreveu uma carta de suicídio seca e credível. As contas em ordem e a relação dos seus objectos da casinha do cemitério. Acho que só queria mostrar que ainda era honesto, ele mais a sua enxada. Escreveu numa letra de escola primária, num fôlego sem pontos nem parágrafos, só três vírgulas, um estilo forte que podes considerar moderno.

Relação das coisas que se encontram na casinha, dinheiro 1000\$00 são meus que me deu a senhora do senhor B. para tratar da ossada que lhe dizia respeito como tratei junto da D. Maria Amélia esses são meus, estão mais 500\$00 são para tratar da ossada que diz respeito à menina Casimira ela até me pediu para lhe emprestar 60\$00 para o papel

selado está mais 240\$00 que são da senhora do Coutinho, estão mais 200 e tal escudos são da sogra da D. Guilhermina que está no Garcia, quanto a mais coisas está um lençol que é para a oxada do avô do oculista ao Rossio está a minha roupa e todas as ferramentas 2 borbiquis 3 alicates botas de borracha maçeta martelo colher lapiseiras e mais tudo livros aquecedor fogão.

José

Tinha pressa, nos últimos instantes. Atravessou a cidade, que está construída num vale, seguindo para o lado oposto ao cemitério, e começou a subir a zona nova do colégio e seminário até acabarem os prédios, são uns 25 minutos a pé.

Antes de se enfiar no mato, passou pelo pátio interno do colégio, uma espécie de coliseu romano dos lacraus. Ali, no recreio da primária, faziam-se lutas de lacraus, um espectáculo cruel que é preciso saber apreciar. Um rapaz apanhava dois lacraus debaixo das lajes de granito, por cima da ribanceira. Os escorpiões daquela zona são dourados, parecem feitos de mel. Dois lacraus machos, num círculo de calhaus, odeiam-se e devem lutar até à morte. O ferrão do veneno, vermelho e translúcido, com a sua forma de espinho de rosa, acaba por furar o dorso do inimigo. Dançam pinças com pinças, dois pontos de interrogação animados que escrevem no pó, é o tango da morte do lacrau.

O menos bonito destes combates é que o vencedor também morre.

Fazia-se um círculo de caruma e estevas e incendiava-se a arena, à espera que o vitorioso se suicidasse no cerco, pi-

cando o próprio dorso como fazem os samurais (o samurai é na barriga, claro). De qualquer modo, se não fizesse isso não era um lacrau à altura, e alguém o esmagava com uma pedra ou com a bota.

Não havia suicidas, só esmagados, é verdade. Os lacraus andam na Terra há 400 milhões de anos, muito antes dos dinossauros.

O coveiro sentou-se entre as mimosas com o saco de insecticida 605 Forte, o seu ferrão. Dali via até quase ao Rossio, a colina a subir ao Castelo, à Sé e Paço do Bispo, às chaminés da fábrica da rolha. Muito mais longe, atrás do Penhasco, para sul, as searas na planície e os montes azuis. Nas suas costas, a subida rochosa para a serra e para Espanha. As mimosas são acácias de um verde doentio na maior parte do ano, mas na Primavera dão realmente belos cachos. A cidade tem um perfil inconfundível na zona alta, como a dentadura numa chave. Ninguém conseguia fazer uma chave igual, mas também ninguém queria.

Suicídio por organofosforados, informou a autópsia.

O coveiro soube como ficava. O seu passatempo quando ia à Câmara Municipal era contar às funcionárias como apareciam os mortos.

— Este enforcado estava com a língua de fora (e sim, sujo na braguilha); aquele esteve no poço tantos dias, parecia de borracha; nem se via a cara esmagada no Arco do Bispo, porque daquela altitude já se sabe que a cabeça é uma melancia, etc.

Descrevia o cheiro, a posição corporal e, por assim dizer, o próprio estado de alma do cadáver. Era uma espécie de cinema falado dos momentos mais animados do concelho, todas as funcionárias gostavam de o ouvir. Uma vocação. Apesar de

forte, isto é, gordo, andava sempre aprumado no colarinho. Os seus enterros fizeram história e deixaram escola.

Sabia, portanto, que ia inchar e ficar verde, rebentado de hemorragias, com as artérias logo a secar, virado para cima com os braços como um gigantesco escaravelho. O pó da batata era o Grande Clássico do Terror.

Ficámos afastados a suar, com a polícia a fazer o cordão de segurança, na ribanceira das mimosas. Taparam-no com uma mortalha. O jogo de futebol acabou, o Perneta ia deixando infectar a canela, o pó no sangue, e fomos para casa.

A notícia chegou depressa a todo o lado. Mais depressa do que um pombo da Sociedade Columbófila, do que o vento suão, seguiu a uma velocidade próxima do medo.

O coveiro fazia negócio com sepulturas de crianças, vendia bons lugares duas vezes, que vergonha.

Ele roubava as medalhinhas e as santinhas de ouro dos caixõezinhos, Deus não lhe perdoa.

E os dentes de ouro e as lápides que ninguém reclamava também serviam.

Era assim que ele enriquecia, embora não seja rico, que a gente saiba.

Ele pegava nos ossinhos dos bebés e atirava-os para o lixo, como se fossem crânios de gato, que aliás são parecidos naquelas idades, por causa dos olhos enormes, como é que é possível, parece que ainda nem acredito.

Era como se tivessem feito, naquele cemitério antigo, sacrifícios de crianças a um deus sinistro. Por isso Roma destruiu Cartago do outro lado do mar, foi a explicação oficial dos romanos, a religião dos tipos mandava-os matar um filho até aos cinco anos, e para explicação chega. Nem as ruínas ficaram de pé.

Finalmente, correu o boato absurdo de que não era só com os nados-mortos, os anjinhos que vão para o limbo, enxaguados à pressa, pelo padre, do pecado original. Se calhar era velha prática e foi um susto quando alguns insinuaram que todos os mortos podiam ter sido trocados, ao longo dos anos, numa mudança macabra da última morada. Então não haveria um osso bem atribuído a um nome e todos os vivos teriam, portanto, uma espécie de ascendência duvidosa e as almas mortas um destino de errância, os antigos baralhados com os novos, os justos com os pecadores, sem lugar nem no paraíso nem no purgatório, só talvez no inferno, por questões de bilhete de identidade.

E foi preciso o Ministério Público investigar todo o processo de troca de ossadas nos seus talhões, quantos anos se fica aqui para passar para ali, como é que é isso das tabuletas provisórias, quem regista os nomes e os epitáfios nas lajes, quem reservou jazigo, etc. Uma conservatória negra.

Também o Bispo terá dado garantias, duvidosas, de que Deus não se baralha nestes assuntos. Nem um cabelo não cai sem que Deus o saiba, mas ossos mortos não são cabelos.

— Que a gente saiba.

As pessoas visitavam os túmulos e ficavam mais tempo, a rezar e a pensar, mas também a levantar torrões com o sapato, à maneira dos investigadores.

Foram estes trabalhos que o suicídio do coveiro arranjou numa terra tão habituada à morte macaca. Ele fez muita coisa enquanto vivo, há sempre serviço. Mas também deixou muito por fazer.

Rui Cardoso Martins nasceu em Portalegre, em 1967. Para além de *E Se Eu Gostasse Muito de Morrer* (originalmente publicado em 2006) é autor dos romances *Deixem Passar o Homem Invisível* (2009, Grande Prémio de Romance e Novela APE), *Se Fosse Fácil Era para os Outros* (2012) e *O Osso da Borboleta* (2014), e da colectânea de crónicas *Levante-se o Réu* (2015). Tem livros traduzidos em várias línguas. Publicou contos em várias revistas nacionais e internacionais. É argumentista de cinema e autor de peças de teatro. Foi cofundador das Produções Fictícias, autor do programa *Contra-Informação* e de várias séries dramáticas e de comédia. Foi jornalista e cronista do jornal *Público* desde a sua fundação até 2015.

NESTA COLECÇÃO

O Retorno *Habitante Irreal*
Dulce Maria Cardoso Paulo Scott

Quando o Diabo Reza *Tudo São Histórias de Amor*
Mário de Carvalho Dulce Maria Cardoso

Dezoito Palavras Difíceis *O Chão dos Pardais*
Luís Rainha Dulce Maria Cardoso

E a Noite Roda *Os Meus Sentimentos*
Alexandra Lucas Coelho Dulce Maria Cardoso

De Mim já nem Se Lembra *O Osso da Borboleta*
Luiz Ruffato Rui Cardoso Martins

Dois Rios *O Meu Amante de Domingo*
Tatiana Salem Levy Alexandra Lucas Coelho

O Verão de 2012 *Gente Melancolicamente Louca*
Paulo Varela Gomes Teresa Veiga

Diário da Queda *Uma Aventura Secreta do*
Michel Laub *Marquês de Bradomín*
Teresa Veiga

Este Samba no Escuro *Passos Perdidos*
Raquel Ribeiro Paulo Varela Gomes

Hotel
Paulo Varela Gomes

e se eu
gostasse muito
de morrer

foi composto em caracteres Hoefler
Text e impresso pela Rainho&Neves,
sobre papel Coral Book de 90 gramas,
no mês de Fevereiro de 2016.

